



Uma gota de sangue

Ana Cecília Carvalho*

Antígona: "Uma coisa é certa: Polinice era meu irmão, e teu também, embora recuses o que eu te peço. Não poderei ser acusada de traição para com o meu dever." Ismênia: "Infeliz! Apesar da proibição de Creonte?" Antígona: "Ele não tem o direito de me coagir a abandonar os meus!"

A insistência do som do telefone dilacerando a frágil tela do sono. A mão tateando no escuro, gesto automático que tenta inutilmente restaurar o silêncio. Não. Não. Parem todos. Deixem-me voltar ao ponto em que nada se agita, tudo se fecha, tudo é liso e calmo. Quando finalmente Rachel atende o telefone, a voz do outro lado não oferece condescendência. *O quadro piorou.* Sim, vou já. Em meia hora estou aí. Ela responde. Rachel procura o interruptor. A luz é ainda mais brutal porque expõe o lado vazio na cama. Ilan, por que você não está aqui agora? Dolorida e pesada, Rachel hesita, tentada a se jogar no lugar dessa ausência que nada pode mudar. O gesto que começa a fazer perde o sentido. Nada alcançará o centro desse vazio, para trazer Ilan de volta.

Rachel se coloca de pé. Tenho de ir. O quadro piorou. Perto do abajur, a carta infame. *Seu pedido para enterrar seu pai no cemitério seguindo os preceitos judaicos não pode ser aceito.* Cordiais saudações. Rachel agarra o papel, amassando a carta como para extrair dela sangue e veneno, antes de guardá-la no bolso do casaco.

A enfermeira vem recebê-la na entrada da casa do pai. O dia começa a clarear. Rachel segue como que anestesiada para o quarto onde, na penumbra, ela distingue a figura inquieta da mãe. *Rachel, não sei o que está acontecendo com seu pai. Ele não quer falar comigo. E agora deu para ficar deitado o dia todo.* O apagamento da memória levou também a graça e o brilho da inteligência que faziam parte da beleza da mãe. Esta que aí está não é minha mãe. É uma outra, impostora, criança envelhecida.



Rachel se senta do lado da cama onde o pai luta para respirar. A ausência de Ilan se faz sentir agora de modo mais brutal. Rachel fecha os olhos por um minuto e vê Ilan no terraço do hotel, na noite do casamento. Ele se aproxima dela e oferece algo que parece uma flor. É uma pequena Menorá de ouro. *Rachel, estou no fim?* A voz do pai como o vestígio de uma vela ainda acesa, mas irremediavelmente afogada na própria cera derretida. *Agente firme, meu pai. Estou aqui. O médico já está a caminho. Você tem a resposta do Conselho?* Sim, tenho. Eles concordaram com o pedido. Não se preocupe, meu pai. O velho homem suspira, como que aliviado. *Você sabe como é importante para mim que sua mãe e eu sejamos enterrados lado a lado.* Rachel luta para não chorar. Sente no peito, novamente, a fisgada das palavras cheias de indiferença e arrogância. *Seu pedido para enterrar seu pai no cemitério seguindo os preceitos judaicos não pode ser aceito. Cordiais saudações.*

Enquanto o médico examina o pai, Rachel se senta na sala de estar. O silêncio preenche agora o que antes costumava ser a alegria das vozes das crianças em torno da mesa do Seder de Pessach. Incontáveis encontros para acender as chanukiot, encontros inesquecíveis para quebrar o jejum do Yom Kipur. O pai e seu solidéu azul. O sorriso sereno, feliz por garantir que a tradição se transmitisse entre as gerações da família que ele, um descendente de cristãos novos, construiu com a mulher, uma judia com quem ele afinal veio a se reconectar com o judaísmo. Como que sacudida por um safanão, Rachel se levanta quando vê o médico entrar na sala. O fim.

Ilan corre junto a ela, ao longo de uma trilha que circula uma lagoa. Ele parece rejuvenescido. Não sabe que horas depois, sentado à mesa de trabalho, seu coração vai parar de bater de repente, um interruptor que alguém desligou por acaso. *Quem morre assim é como se recebesse um beijo de D'us,* disse o rabino no enterro de Ilan, como se essas palavras pudessem diminuir o horror do choque, o indescritível desamparo em que Rachel se viu mergulhada de uma hora para outra. Há tempos ela vinha se preparando para perder os pais no caminho sem volta da velhice. Rachel fecha os punhos com tanta força que fere as palmas das mãos, sem conseguir se perdoar por não ter se preparado para a perda repentina de Ilan.

Ela entra no quarto do pai novamente. O tempo parou. O tempo nunca mais vai prosseguir. Esta será eternamente a hora da dor para a qual não existe antídoto, dor intransferível. Uma das enfermeiras levou a mãe para o jardim, enquanto o médico



toma as providências de praxe. Rachel evita olhar para o corpo imóvel na cama. Agora ela já sabe o que tem de fazer.

A cremação não é permitida. Rachel sabe disso desde sempre. O desejo do pai era ser enterrado como judeu, ao lado da mulher. Mas esse direito foi recusado a ele, considerado um *goy* pelos membros do Conselho. Rachel se lembra tão claramente da voz de Ilan dizendo que, na Shoah, bastava ter uma gota de sangue judeu nas veias que isso seria suficiente para mandar alguém para os campos de extermínio, que ela chega a olhar em volta, procurando por ele. Ilan, Ilan, você está aí? Não fosse a garra da dor fincada para sempre em seu peito, ela quase sorriria diante do que de outro modo seria um dilema.

A tarde começa a cair quando, três dias depois, ela se dirige para o crematório público. Recebe as cinzas do pai dentro de uma urna, na qual mandou imprimir em hebraico as palavras “Abençoado seja aquele que não deixa de ser judeu.”

Seu pai ainda não voltou do trabalho. A mãe olha para ela como se a acusasse. Sim, mãe, ele ainda não voltou, mas não se preocupe. Ele volta assim que puder. Fique tranquila. Senta-se ao lado da mãe, na sala onde agora se espalha um ar gelado que cobrirá tudo de solidão. Ilan ainda sorri amorosamente na sua lembrança. Quando a mãe finalmente adormece, Rachel retira do bolso do casaco a carta com a recusa do Conselho. Sob a urna com as cinzas do pai, ela acende um fósforo e, enquanto o papel é incinerado, ela recita o Kadish dos enlutados.

* **Ana Cecília Carvalho** é psicanalista, escritora e professora aposentada da Universidade Federal de Minas Gerais. Entre os livros de sua autoria encontram-se *A poética do suicídio em Sylvia Plath* (Editora UFMG, 2003), *Estilos do xadrez psicanalítico: a técnica em questão* (Imago Editora, 2006); *O livro neurótico de receitas* (Ophicina de Arte&Prosa, 2012) e *Uma mulher, outra mulher* (Editora Lê, 1993), com o qual foi indicada ao Prêmio Jabuti. Recebeu o Prêmio Brasília de Literatura e duas vezes o Prêmio Nacional de Literatura Cidade de Belo Horizonte.